



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11475 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 08 - Formação de Professores

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA PEDAGOGIA DO CAMPO: ENTRE BANZEIROS DO RIO MAUÉS-AÇÚ

Aline do Socorro de Souza Rodrigues - UEA-PPGED- Universidade do Estado do Amazonas

Lucinete Gadeha da Costa - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPEAM

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA PEDAGOGIA DO CAMPO: ENTRE BANZEIROS DO RIO MAUÉS-AÇÚ

Introdução

O resumo tem por finalidade compartilhar um recorte da etapa de uma pesquisa de Mestrado em Educação em andamento, com a turma da Pedagogia do Campo, Maués-AM e fazer uma reflexão teórica acerca da formação de professores para o campo. Nesse percurso investigativo fomos ao lócus como forma de conhecermos o município, o curso, os graduandos e as professoras da disciplina de Estágio e assim termos elementos para alcançar aquilo que nos propomos.

Nossa dissertação tem como título: *FORMAÇÃO DE PROFESSORES: um estudo sobre a Pedagogia do Campo, das Águas e da Floresta no município de Maués – AM*, levantando como problemática: *Como vem se construindo a formação de professores no Curso Pedagogia do Campo no município de Maués-AM?* O encontro com o objeto de estudo surgiu na graduação, onde realizamos atividades práticas em escolas de várzea e terra firme, pesquisa de iniciação científica, projeto de extensão e TCC. Nesse processo, a inquietação com a formação específica para a escola e educação do campo se tornou mais presente, vindo a se tornar objeto de estudo no mestrado.

A pesquisa tem abordagem qualitativa, atividade sistemática que nos leva

compreender fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas descobrindo novos conhecimentos (SANDÍN, 2010). Dialogamos com teóricos como Arroyo; Caldart; Molina (2011), Arroyo (1999, 2014, 2015), Brasil (1996), Porto-Gonçalves (2008), Pozo; Crespo (2009), entre outros.

Pesquisa em andamento no Núcleo de Ensino Superior de Maués - AM, de modo específico no curso Pedagogia do Campo, ofertado pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Os sujeitos participantes são: Coordenadora do curso; 7 Professores formadores e 15 graduandos da Pedagogia do Campo, todos selecionados de acordo com critérios de inclusão e exclusão definidos de forma prévia.

Para construção de dados, optamos pela observação participante; entrevistas semiestruturadas, gravadas para transcrição a serem analisadas; grupo focal, que pretendemos realizar no 2º semestre/2022 e; Estudo da Proposta Pedagógica do Curso - PPC, para identificar as concepções teórico-metodológico que direcionam o processo de formação de professores na Pedagogia do Campo. No entanto, neste resumo compartilhamos um recorte partindo da observação participante e entrevistas realizadas em maio/2022.

Assim, numa busca histórica identificamos as escolas do campo lutando pelo direito de uma educação que dialogue com suas especificidades e diversidades. Lutas oriundas e fortalecidas pelos movimentos sociais, fóruns, grupos de discussão, comitês, entre outros, tem mostrado o reconhecimento das experiências dos sujeitos pertencentes dos territórios do campo, da água e da floresta como elementos de construção dos seus saberes. Daí a importância em termos proposta de formação com referência nos contextos onde se realizam, pois entendemos que no processo formativo há o encontro de diferentes concepções, porém a educação do campo tem um direcionamento político-pedagógico que precisa refletir na prática pedagógica.

Percurso metodológico

A pesquisa tem características da abordagem qualitativa, que nos possibilita compreender o ser humano e o seu ambiente nas questões subjetivas, nos traços históricos e na relação da consciência com a sua realidade. Acerca disso, Sandín destaca:

A pesquisa qualitativa é uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários socioculturais, à tomada de decisões e também ao descobrimento e desenvolvimento de um corpo organizado de conhecimentos. (2010, p. 127).

No intuito de compreender a formação na Pedagogia do Campo, a abordagem qualitativa contribui para aprofundarmos sobre os fenômenos humanos, interações e processos sociais a partir das determinações e transformações sociais. Assim como, estudos relacionados aos significados das ações, experiências, vivências e relações humanas

(MINAYO, 2010), impossíveis de aprofundarmos, caso a pesquisa com os sujeitos envolvidos fosse de natureza quantitativa.

O local da pesquisa é o Núcleo de Ensino Superior de Maués – AM, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, no Curso Pedagogia do Campo, primeira turma presencial modular no município, que atualmente está no 8º período, o que justifica a escolha, pois envolve formação professores na/para educação do campo. Os sujeitos participantes da pesquisa são: coordenadora do curso, 7 professores formadores e 15 graduandos, todos da Pedagogia do Campo, escolhidos de acordo com os critérios estabelecidos por nós, responsáveis pela pesquisa.

Nesse caminho, submetemos a pesquisa ao Comitê de Ética da UEA, com parecer aprovado no início do mês de maio/2022, tendo os respaldos que a pesquisa com seres humanos exige. Diante disso, com o cronograma estabelecido, organizamos a logística para nos deslocarmos à cidade de Maués para a pesquisa de campo, viagem de barco com duração de 10 a 13 horas.

Em lócus no período de 09 a 21/05/2022, os graduandos estudavam a disciplina Estágio II onde, as professoras regentes fizeram a nossa apresentação inicial para a turma, sobretudo, nos oportunizando a participar de atividades de campo, teóricas e dialogando na medida do possível, acerca do que íamos vivenciando e observando.

Para coletar dados realizamos a observação participante, que segundo Lüdke; André (2013), possibilita um contato pessoal do pesquisador com o fenômeno estudado, acompanhando in loco as experiências dos sujeitos, tentando compreender a sua visão de mundo e o significado que atribuem a realidade que os cerca.

Além disso, realizamos entrevistas semiestruturadas, importante para relação de quem pesquisa com os sujeitos participantes. Severino (2007, p. 22) explica que é uma:

Técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitados aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado. [...] O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam.

Alcançamos 14 entrevistas, com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, enfrentando desafios em virtude do período de fortes chuvas; conectividade que impossibilitava agilidade nos contatos e; os graduandos que estavam com atividades da disciplina e por isso, muitas vezes as entrevistas foram remarcadas, mas obtemos um resultado satisfatório com elementos que nos permitem avançar.

Entrevistas agendadas e realizadas de forma individual, com roteiro de acordo com os nossos objetivos, mas naturalmente outras questões foram surgindo em diversos momentos

e gravadas para transcrição a serem analisadas. Conseguimos entrevistar sujeitos que trabalham na educação urbana e campo, pessoas naturais do campo, entre outras, escutando a voz de quem está nesse processo de formação na Amazônia que nos faz pensar e enxergar situações antes despercebidas, mesmo sendo próximas a nós.

Participamos com a turma de uma aula prática em escola do campo, planejada dentro da disciplina, onde os graduandos romperam os muros da universidade para conhecer um pouco da atividade docente, do contexto em que as crianças e a escola estão inseridos, o trabalho de gestão e coordenação pedagógica, o que se tem pensado e feito, relação com o teórico. Havendo apoio logístico da Secretaria Municipal de Educação - SEMED, que disponibilizou um barco com combustível, para irmos à comunidade.



Figura 1 - Escola visitada pela Pedagogia do Campo
Fonte: Arquivo Pessoal (2022)

Sáímos do porto de Maués por volta das 13h e navegamos cerca de 1h30min até a comunidade que nos aguardava para visita na escola e roda de conversa, momento em que os graduandos dialogaram com a gestão acerca do observado como: as classes multisseriadas, projetos desenvolvidos entre escola-comunidade, formação dos professores, transporte escolar, os desafios e dificuldades e as influências da natureza no cotidiano.

Formação de professores e escola do campo: banzeiros de uma discussão necessária

A política de formação de professores no Brasil constitui um problema constante que tem ocupado espaço nas agendas de debates educacionais, a exemplo: Associação Nacional de Política e Administração da Educação - ANPAE; Associação Nacional pela Formação de Profissionais da Educação - ANFOPE; Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED; Movimento da Educação do Campo; entre outras organizações de valorização da escola pública e formação aos professores.

Sobre a formação de professores, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seu Artigo 622 destaca:

A formação de docente para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em

curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério [...]. (BRASIL, 1996)

Apesar das exigências, há professores, principalmente nas escolas do campo, formados apenas com Ensino Médio ou graduação incompleta em sala de aula, desenvolvendo práticas com crianças sem a formação que o documento legal destaca. Nessa perspectiva, a formação de professores é uma problemática que se arrasta por anos necessitando um repensar, considerando que na área da educação precisamos de transformação no processo de formação para a qualidade escolar no/do campo, onde as práticas pedagógicas estejam relacionadas com o cotidiano dos alunos.

Para o campo, a formação dos professores inicia com o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (1998), através do Movimento Nacional de Luta Por uma Educação do Campo para alfabetizar, elevar a escolaridade e ofertar curso superior aos trabalhadores dos assentamentos das áreas agrárias.

Sobre a escola do campo e do direito à educação, pautamos que seu marco ocorre no I Encontro Nacional de Educadores e Educadoras na Reforma Agrária (1996 - ENERA) e na I Conferência Nacional de Educação do Campo (1998) organizados pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), evidenciando o descaso das autoridades com a garantia do direito à educação e a escola nas comunidades rurais e assentamentos, com alinhamento político e pedagógico com os ideais do movimento. Porém, segundo, Arroyo; Caldart; Molina (2011) a princípio as estratégias do MST pela terra não estavam articuladas à luta pela educação, porém, no movimento interno, as educadoras, os pais e as lideranças se conscientizaram da educação como possibilidade para fortalecer a luta pela terra.

Na história da educação, percebemos que infelizmente, pouco consideraram a realidade das populações camponesas, o modo de ser, produzir e resistir no seu território, segregando as lutas dos movimentos sociais por uma pedagogia que vá ao encontro das práticas de ensino e aprendizagem dos sujeitos com direito negado à uma escolarização contextualizada. Logo, por esses e outros fatores, a necessidade de formação de professores com práticas que dialoguem com a diversidade sociocultural, com os saberes tradicionais, as experiências e os modos de vida dos sujeitos que constroem seu pertencimento no campo, nas águas e na floresta.

Os saberes do campo precisam ocupar espaço de excelência no currículo da escola, ganhando visibilidade, e por essa urgência, atualmente os debates giram em torno dessas pedagogias forjadas pelos povos do campo, das águas e da floresta, que trazem os seus sentidos de (r) existência como sujeitos dos territórios nas Amazônias. Enfrentando situações econômicas, socioculturais, políticas, pedagógicas segregadas, subalternizados como trabalhadores, camponeses, indígenas, quilombolas [ribeirinho e extrativista]. (ARROYO, 2015)

A educação do campo e suas particularidades socioculturais, aparecendo na prática curricular, mas sem silenciar os saberes científicos construídos no espaço acadêmico, porque ambos formam o homem. Mas, os saberes científicos precisam sair da condição de únicos que valem ser ensinados nesses territórios, pois como é escrito por Porto-Gonçalves (2008), são várias Amazônia existentes na Amazônia com toda diversidade nos aspectos biológicos, de povos e seus saberes que não podem ficar invisíveis, por isso a luta pelo currículo que atenda tamanho anseio. A imposição de um conhecimento único e homogêneo ameaça a identidade, a cultura e os saberes orgânicos dos povos amazônicos. (ARROYO, 2014)

Dessa forma, é válido nos opormos ao sistema que trata como “qualquer coisa serve” para os sujeitos e a escola que se constroem no território do campo, das águas e floresta. Arroyo escreve,

[...] Os currículos de formação e de educação básica têm a obrigação de incorporar essas histórias desses processos que continuam atuais, persistentes de destruição material do viver, de desterritorialização, de inferiorização, subalternização que os movimentos sociais denunciam [...]. (2015, p. 67)

Nesse sentido, a formação dos professores pensada para esses povos é necessária sendo realidade em alguns estados brasileiros, resultado de reivindicação dos movimentos sociais, profissionais da educação e o compromisso de universidades públicas em formar professores para comunidades e escolas das Amazônia. Protagonizando os saberes tradicionais à sua prática pedagógica que precisam ser valorizados e integrados na educação do campo, somado a um currículo escolar ressignificado.

Pedagogia do Campo e a prática docente: a quem interessa?

Dialogamos a respeito da formação dos professores na dimensão que esses atores e autores lancem seu olhar para as crianças das escolas do campo, contribuindo para que as mesmas tenham o direito a uma educação básica com significados concretos. E nesse contexto, aproveitem os conhecimentos prévios surgidos das relações cotidianas, como maneira de aproximá-las dos conhecimentos científicos. (POZO; CRESPO, 2009)

A formação de professores com pilares para a educação do campo é emergente, para conhecer e saber trabalhar atividades com elementos presentes na realidade. Nesse sentido, Santos e Oliveira colaboram com a afirmativa de que nas Amazônia existem uma pluralidade de “[...] ribeirinhos, quilombolas, camponeses, indígenas, entre outros, que vivem em um contexto geográfico biodiverso e complexo (terra, mata, igarapés, rios, plantas, animais, recursos minerais etc.)”, ou seja, professores diante de crianças de diferentes contextos socioculturais com seu modo de ser, viver, sentir e agir. (2018, p. 162)

Em formação estudam as teorias que nortearão a ação docente, mas isoladas dificilmente dão conta de toda a diversidade existente em sala de aula ou no território em que

a escola e as crianças se encontram. As crianças se veem diante de professores que aprenderam teoricamente o quê e como ensinar, com raras atividades para práticas pedagógicas com crianças do campo, o que faz alguns se sentirem desmotivados, pois precisam entregar um bom trabalho que dialogue com os saberes tradicionais, caso contrário, continuará a reprodução de práticas de imposição que deslocam a lógica da escola urbana para o campo.

Na LDB (BRASIL, 1996) encontramos o enfoque para questões de valorização da cultura e a especificidade do campo/rural, por isso, um currículo escolar construído que valorize os costumes, crenças e modos de vida como a enchente, e vazante, as terras caídas e etc., ainda que as mantenedoras imponham uma proposta descontextualizada, desenvolvendo atividades docentes a partir das vozes dos sujeitos.

Dessa forma, estaremos rompendo pensamentos do tipo escrito por Arroyo, que:

[...] a imagem que sempre temos na academia, na política, nos governos é que para a escolinha rural qualquer coisa serve. Para mexer com a enxada não precisa de muitas letras. [...] Em nossa história domina a imagem de que a escola no campo, tem que ser apenas a escolinha rural das primeiras letras. [...] onde uma professora que quase não sabe ler, ensina alguém a não saber quase ler (1999, p. 16-17).

No meio desse pensamento encontramos crianças que estão em constante luta com sua comunidade para que esse olhar que limita e marginaliza seja superado. Mas, sempre considerando que “o campo não é qualquer particularidade, nem uma particularidade menor” (Arroyo; Caldart; Molina, 2011, p. 3) e por isso, precisa ser conhecido, reconhecido, valorizado, respeitado e não inferiorizado, conforme o percurso histórico educacional nos demonstra, não cabendo mais o discurso de que qualquer coisa serve, no limite da leitura, escrita e cálculos.

Considerações Finais

A partir do percurso metodológico que compartilhamos sinteticamente o que temos realizado para a pesquisa de mestrado e da reflexão teórica inicial, representam nossa intenção em responder nossa problemática que está relacionada com a formação dos professores que irão atuar nas escolas do campo, das águas e da floresta no contexto amazônico. Pistas de continuidade serão apresentadas em trabalhos futuros mostrando o avanço do nosso estudo para quem pesquisa educação sendo a Amazônia o território.

A primeira ida a campo nos deu muita clareza do processo de formação na Pedagogia do Campo - Maués/AM, através das inúmeras conversas informais com os graduandos e professores, do observado, das entrevistas que trouxeram elementos de grandes contribuições para o nosso produto final, a dissertação. Os desafios vividos serviram para nos fortalecer enquanto pesquisadoras que se debruçam diante da formação de professores, servindo como

possibilidades que o percurso investigativo nos revela.

Assim, a formação de professores em Pedagogia do Campo com surgimento de lutas coletivas para que os professores conheçam o movimento que envolve a educação e escola do campo e para que tenham a possibilidade de ressignificar práticas pedagógicas pensando nas crianças do campo, das águas e da floresta, com uma proposta crítica e contextualizada para esses territórios. Portanto, ainda que em linhas iniciais, nossa discussão teórica direciona para questões importantes descortinadas no sentido de compreender a construção deste processo formativo em movimento em seus avanços e recuos.

Palavras-chave: Formação de professores; Pedagogia do Campo; Pesquisa de campo.

Referências

ARROYO, Miguel González. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. Brasília/DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, 1999.

ARROYO, M. G; CALDART, R. S; MOLINA, M. C. (orgs.). **Por Uma Educação do Campo**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ARROYO, M. G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ARROYO, M. G. **Os movimentos Sociais e a construção de outros currículos**. Educar em Revista, núm. 55, enero-marzo, 2015, pp.47-68. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=1550383551004>. Acesso em: 12 jan. 2021.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB**, Brasília: 1996.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E.D.A. **A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2 ed. Rio de Janeiro: E.P.U, 2013.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Amazônia, Amazônias**. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

POZO, Juan Ignacio; CRESPO, Miguel Angel Gómez. **A aprendizagem e o ensino de ciências: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SANDÍN, Esteban Maria Paz. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**; tradução Miguel Cabrera – Porto Alegre: AMGH, 2010.

SANTOS, Tânia Regina Lobato dos; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Pesquisas com crianças em contextos da Amazônia: o lócus e temáticas dos estudos**. Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp., Salvador, v. 27, n. 51, p. 161-178, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/faceba/article/view/4973>. Acesso em: 12 jan. 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23.ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.